

# O FIEL CATÓLICO



Periódico bimestral - Ano do Senhor 2014 | Catequese, apologética, doutrina

Publicado pela Paróquia Nossa Senhora do Brasil



nº5

O SINAL DA CRUZ | HISTÓRIA DA IGREJA | APARIÇÕES DE NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS





"Madonna col Bambino ei SS. Pietro e Paolo"  
– Giuseppe Cesari (1608/9)

“Ide e fazei de todas as nações discípulas, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, e ensinando-as a observar tudo quanto vos ordenei. Eis que Eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos!”

– Jesus Cristo à sua Igreja (Mt 28,19-20)

Esta ordem de Nosso Senhor foi levada muito a sério pelos Apóstolos e seus sucessores. Em grego, língua original dos Evangelhos, o termo “todo” pode ser transliterado para *Kat-holon*. Daí vem a palavra “católico” (Καθολικός). Ao longo do primeiro e segundo séculos, os seguidores do Cristo foram, aos poucos, tornando-se reconhecidos como cristãos e/ou católicos; estas duas palavras eram usadas indistintamente. Ser católico já significava, como significa hoje, ser totalmente cristão: o catolicismo é o cristianismo em sua totalidade. A Igreja Católica é o meio perfeito para se obedecer à ordem do Mestre. Há, como vemos, uma catolicidade vertical, que vem do Cristo aos discípulos, e uma catolicidade horizontal, que é levar o Cristo a todos, ser missionário. Isto é ser católico: ser discípulo, missionário... Cristão.

“Católica”, pois, pode significar tanto a universalidade da Igreja quanto sua autenticidade. S. Cirilo de Jerusalém (315–386), Bispo e Doutor da Igreja, diz: “A Igreja é católica porque está espalhada por **todo** o mundo; ensina em plenitude **toda** a Doutrina que a humanidade deve conhecer; conduz **toda** a humanidade à obediência religiosa; é a cura **universal** para o pecado e possui **todas** as virtudes” (*Catechesis* 18,23). São claros os dois sentidos de “católico”: universal e autêntico. A Igreja reconhece que cristãos de outras comunidades podem ter batismo válido e possuir certas sementes da verdade em suas doutrinas. Sabe, porém, que apenas ela conserva e ensina, sem corrupção, **toda** a doutrina apostólica e possui **todos** os meios de salvação. Eis a verdade da nossa fé, que “O Fiel Católico” proclama.

## EXPEDIENTE FIEL



“Fiel Católico” é um apostolado da Igreja Católica Apostólica Romana sediado em São Paulo (SP), que tem por missão a evangelização dos povos a partir da catequese, apologética e estudo da Teologia, História e Filosofia. A revista e o site “O Fiel Católico” ([www.ofielcatolico.com.br](http://www.ofielcatolico.com.br)) são criações de Henrique Sebastião, pesquisador, redator e bacharelado em Filosofia/Teologia, sob a supervisão de Pe. Michelino Roberto, sacerdote, pároco de Nossa Senhora do Brasil, teólogo, mestre e doutor em comunicação social e institucional. A distribuição é gratuita.

Esta revista é mantida pela colaboração dos seus leitores. Auxilie este trabalho e receba “O Fiel Católico” em sua residência por um ano (colaboração única de R\$ 49,00).

• **Informações:** (11) 3082-9786 / 9 4966-5406 (TIM) / 9 6647-3782 (Claro) / 9 9851-5891 (Vivo) 9 4616-7124 (Oi) – [ofielcatolico@gmail.com](mailto:ofielcatolico@gmail.com) – [www.ofielcatolico.com.br](http://www.ofielcatolico.com.br)

Supervisão e coordenação geral: Pe. Michelino Roberto • Editoração, diagramação, arte e projeto gráfico: Henrique Sebastião • Fotografia/tratamento de imagem: Henrique Sebastião • Textos desta edição: Henrique Sebastião, Silvana Sebastião, Pe. Paulo Ricardo de A. Jr., Pe. Luiz Fernando Cintra • Copydesk, revisão de texto e revisão geral: Silvana Sebastião • Impressão: Paulo Gomes (11-7733-6247)

# Rezar a Dezena do Rosário

*“Reza o Terço todos os dias. Se isso é demasiado para ti, reza uma Dezena”*

Muitas vezes e com empenho recomendou Nossa Senhora a oração do Rosário como prática quotidiana, – como em Lourdes e em Fátima, por exemplo. – O Rosário é uma forma de oração tão simples quanto eficaz. A palavra vem do latim *Rosarium*, que significa “roseira” ou “campo de rosas”. A rosa, mais bela e perfumada das flores, possui antigo simbolismo cristão; chamamos Rosário à devoção que, entrelaçando os Mistérios da nossa salvação com as orações essenciais da nossa fé, suscita em nossos corações e mentes os mais nobres afetos e pensamentos, que ofertamos a Maria e, por ela, a Jesus Cristo, Deus Conosco.

Diz-se que cada Ave-Maria que se reza é como uma rosa que se oferece a Nossa Senhora. Quando oferecemos uma rosa a alguém, pensamos sempre na flor bela, perfumada e suave ao toque. Por outro lado, sabemos que não há rosa sem espinhos: vemos a beleza e o perfume da flor associados a certas dificuldades e sacrifícios. Rezar o Rosário é assim: algo bom e belo que queremos oferecer, mas que envolve algum sacrifício, – pois sempre achamos que teríamos algo melhor ou mais prazeroso a fazer naquele momento, naquele tempo que separamos para Deus; – e o tentador nunca deixa de querer nos desviar da oração. Por outro lado, quanto maior o esforço, mais perfeita a oferta que fazemos a Deus, em união com a Santíssima Virgem.

**O Terço** – O Rosário completo era formado originalmente por três Terços, mas sofreu o acréscimo de um outro, por São João Paulo II. O Terço, pois, é chamado assim porque constituía a *terça parte* do Rosário. Atualmente, o Terço é de fato a quarta parte do Rosário, e seria mais propriamente chamado “Quarto”. Por costume e tradição, porém, continua sendo dito “Terço”. – O Rosário completo é composto de 20 Dezenas, divididas em quatro partes (Terços), cada qual contendo 5 Dezenas: em cada uma se contempla um Mistério. Enquanto se medita o Mistério, reza-se uma Dezena, que é composta de 1 Pai-Nosso, 10 Aves-Maria, 1 Glória-ao-Pai e uma jaculatória. O Terço, portanto, é um conjunto de cinco Dezenas.

**A Dezena** – É a forma mais compacta do Rosário, constituída por um conjunto de 10 contas com outra separada, e um crucifixo. Algumas trazem mais três contas para as orações finais (vide coluna ao lado). As Dezenas são compostas das mesmas contas do Terço e podem ser ajustadas ao polegar e giradas, para que não se percam as contas das Aves-Maria. Há também Dezenas em forma de anel.



## UM MODO DE REZAR, EM 7 PASSOS:

1. ✠ Reze o Credo e a Oração Inicial: “Senhor Jesus, disponho-me a rezar agora um Mistério do Terço. Pela meditação dos Mistérios de nossa redenção, espero poder aumentar minha fé e minha caridade. Concedei-me uma piedosa e recolhida oração, pela intercessão de vossa Mãe Santíssima; amém”.
2. Diga a intenção do Mistério que vai rezar (um Mistério do dia ou outra meditação que queira);
3. Reze o Pai-Nosso;
4. Reze as 10 Aves-Maria;
5. Reze o Glória;
6. Reze as seguintes jaculatórias:
  - Ó Maria concebida sem pecado, – rogai por nós que recorremos a vós.
  - Ó meu bom Jesus, perdoai-nos, livrai-nos do fogo do inferno, – levai as almas todas para o Céu e socorrei principalmente as que mais precisarem.
  - Meu Deus, eu creio, adoro, espero e amo-vos, – peço-vos perdão pelos que não creem, não adoram, não esperam e não vos amam.
7. Concluída a Dezena, reze três Aves-Maria finais (dedicadas pelas intenções do Papa), e depois a Salve-Rainha ✠.



# O SINAL DA CRUZ

**P**or que fazer o Sinal da Cruz? Primeiro porque a cruz é a identidade do cristão; é o sinal que nos identifica como seguidores do Caminho que é Cristo; sinal que surgiu do evento histórico e místico do Sacrifício de Jesus, nosso Senhor, pregado nela – a cruz. O Plano Divino para a salvação da humanidade passa pela Encarnação, Vida, Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus: a cruz é o selo da nossa salvação.

Sabemos bem que a glória e o poder da cruz, evidentemente, não estão nela própria, no seu material ou no seu formato: um objeto composto de duas traves cruzadas não têm nenhum poder “mágico” por si mesmo. – Mas a entrega livre e voluntária que o Cristo fez de Si mesmo à Vontade do Pai, abraçando e carregando sua cruz e deixando-se crucificar, sofrendo toda angústia, humilhação e horrores de uma morte pavorosa por amor a cada um de nós, que aderimos ao seu Evangelho, resultou em nossa salvação, e é assim que a cruz se torna o instrumento de todas as graças que agora recebemos; as que já vieram e as que um dia virão.

A cruz foi a pena de morte mais cruel da Antiguidade, que o direito romano aplicava aos piores criminosos: servia não só como instrumento de condenação, mas também era símbolo de vergonha. Com a crucificação e ressurreição de Cristo, porém, a cruz recebeu um signifi-

cado totalmente novo, conforme atestam as Escrituras (Gl 6,14). De fato, ocorreu uma inversão radical: de símbolo de vergonha e condenação, tornou-se o maior símbolo de salvação, vida, bênção, libertação, cura, santificação.

A presença constante deste santo símbolo nas torres das igrejas, nos santuários, capelas, oratórios, tumbas, – e também na casa do fiel católico, em seu estabelecimento comercial, automóvel e até pendurada ao seu pescoço, – tudo demonstra a força e o poder do simbolismo da Cruz Redentora, que persiste desde o início do cristianismo. Olhando a cruz, recordamos Jesus crucificado, razão de nossa salvação e libertação.

Com ou sem a imagem do Senhor pregado a ela, a cruz fala alto ao coração dos que amam o Salvador do mundo. Proclama que temos um Redentor, revela que fomos resgatados por meio do seu Sacrifício. Convida a nos apropriarmos da salvação realizada pelo Cordeiro de Deus; conclama a aceitar Jesus, crer nEle, ser membro da sua Igreja, buscar a Comunhão nos Sacramentos e em todos os canais de bênçãos que essa Igreja oferece.

Também traçamos muitas vezes o Sinal da Cruz sobre nós mesmos, com a finalidade de assumir a nossa condição de “novas criaturas” (2Cor 5,17); de pedir para nós a Graça da Salvação em Jesus Cristo, sua proteção e bênçãos, bem como para afastar de nós o inimigo, com

suas tentações e seduições. Assim o Sinal da Cruz é usado pelos cristãos desde os primeiros tempos, e abundantes documentos o atestam. Tertuliano, Bispo de Cartago (160 – 220), deixou seu registro histórico:

“Quando nos pomos a caminhar, quando saímos e entramos, quando nos vestimos, nos lavamos, iniciamos as refeições, quando vamos deitar, quando nos sentamos; nessas ocasiões e em todas as demais atividades, persignamo-nos na testa com o Sinal da Cruz.” (De *Corona Militis* 3,4)

Notemos que essas palavras foram escritas no século II, e o Sinal da Cruz era já um costume cristão. O sinal atestado por Tertuliano, entretanto, é possivelmente o reduzido, feito na frente, e não o que mais usamos atualmente, num gesto mais amplo. O sinal na frente tem fundamento bíblico na visão do Profeta (Ez 9,4) em que Deus fala ao anjo: “Passa no meio da cidade, no meio de Jerusalém e marca com um tao (tipo de cruz) a testa dos homens que gemem por tantas abominações que nela se praticam”. Trata-se, portanto, de um gesto fundamentado desde os tempos do Antigo Testamento. Não demorou que a Igreja reconhecesse nesse “tao” uma prefiguração do Sinal da Cruz de Cristo.

De fato, existe uma grande probabilidade de que o Sinal da Cruz tenha origem apostólica. S. Basílio de Cesareia (263-339), em seu Tratado sobre o Espírito Santo (*De Spiritu Sancto*, n.66), afirma que diversas tradições recebidas dos Apóstolos não foram registradas nas Escrituras, e especifica: “Para lembrar o que vem primeiro e é mais comum, quem ensinou por escrito a assinalar com o Sinal da Cruz àqueles que esperam em Nosso Senhor Jesus Cristo?”. – Temos aí a comprovação de que o Sinal da Cruz, já nos primeiros séculos, era tido como Tradição Apostólica.

Podemos citar também as Atas dos Mártires (séc.s II a V), que por sua vez dão a saber que os mártires se persignavam com o Sinal da Cruz antes de partirem para o enfrentamento da morte, e os escritos de Hipólito de Roma, que são categóricos:

“Durante a tentação, fazei piedosamente, na frente, o Sinal da Cruz, pois este é o sinal da Paixão reconhecidamente provado contra o demônio, desde que feito com fé e não para vos exhibir diante dos homens, servindo eficazmente como um escudo: o Adversário, vendo quão grande é a força que sai do coração do homem

que serve o Verbo, pois mostra o sinal interior do Verbo projetado no exterior, fugirá imediatamente, repellido pelo Espírito que está no homem.” (Hipólito de Roma, Tradição Apostólica III / 4,15 – de 235 dC)

Atualmente, na legislação para o Ocidente, contida no Cerimonial dos Bispos (nota 81, n.108), consta uma citação do antigo ritual romano para celebração da Missa, que diz: “Ao benzer-se, volta para si a palma da mão direita com todos os dedos juntos e estendidos, faz o Sinal da Cruz da frente ao peito e do ombro esquerdo ao direito”.

Existem outras práticas devocionais, inclusive por influência de outros ritos. Por isso é interessante ir às origens do tema: após a controvérsia cristológica do monofisismo (que dizia que Jesus tinha uma só natureza), algumas pessoas, para atestar a fé de que em Jesus existem duas naturezas (Ele é plenamente Deus e plenamente homem), passaram a fazer o sinal da cruz com dois dedos, e ampliaram o sinal, para que os dois dedos fossem notados.

Com o passar do tempo, surgiu o desejo de se expressar o Mistério da Trindade e o das duas naturezas de Jesus, de modo que três dedos foram unidos, simbolizando a Trindade, e dois dedos foram recolhidos, simbolizando as duas Naturezas. Por causa de sua riqueza simbólica, esse sinal permaneceu durante toda a Idade Média.

Por que, então, os cinco dedos estendidos que a legislação atual determina? Representam as cinco Chagas de Cristo, que são literalmente Sinal da Cruz. E Jesus, com a cruz, tira a condenação do homem (por isso fazemos o sinal da esquerda para a direita).

Por fim, permanece a tradição da Região Ibérica, que assinala o pequeno sinal antes do grande Sinal da Cruz, pedindo a Deus o livramento do mal, com a conhecida súplica: “Pelo Sinal da Santa Cruz, livrai-nos, Deus nosso Senhor, dos nossos inimigos”.

O Sinal da Cruz, como acabamos de ver, é um sacramental que pode e deve ser usado abundantemente. Fazê-lo com autêntica devoção não tem relação alguma com superstição, pelo contrário: trata-se de um gesto de entrega da própria vida à Cruz salvadora de Jesus Cristo, Nosso Senhor.

### Referência bibliográfica:

- MORESCHINI, Claudio; NORELLI, Enrico. História da Literatura Cristã, Antiga e Latina, São Paulo: Loyola, 1996.
- Adaptado do artigo “Como devemos fazer o Sinal da Cruz?”, do Pe. Paulo Ricardo de Azevedo Jr., disponível em: [padrepauloricardo.org/episodios/como-devemos-fazer-o-sinal-da-cruz](http://padrepauloricardo.org/episodios/como-devemos-fazer-o-sinal-da-cruz) Acesso 5/4/014



Texto de Luiz Fernando Cintra (adaptado)

## Por que ir à Missa todo domingo?

Se não dispensamos os nossos compromissos sociais, por que haveríamos de dispensar esse dever de culto, pelo qual recebemos o Alimento e a Força de nossa vida interior?

Quando, no cair da tarde de um domingo, as vias de acesso a uma de nossas grandes cidades congestionam-se com milhares de carros que retornam de um fim de semana no litoral ou no campo, uma pergunta me ocorre, e já nasce triste no meu coração: quantos desses homens e mulheres, sejam maduros, jovens ou crianças, terão ido à Santa Missa, hoje ou ontem à tarde?

E a tristeza se acentua quando vou ao *shopping* vejo a imensidão de pessoas que se entregam com tanta voracidade ao consumismo desenfreado. São grandes filas para comer um sanduíche numa lanchonete, para

entrar nas salas de cinema ou para aproveitar alguma liquidação na loja da moda. Também me surpreendo quando, passando por certos pontos da cidade, vejo as enormes filas que dão voltas nos bairros, milhares e milhares de pessoas a espera da sua vez para entrar num estádio de futebol: multidões que parecem pensar que o destino do Universo depende unicamente das peripécias em torno de uma bola e da emoção de um gol...

Evidentemente, eu não condeno o necessário lazer, nem o prazer de um bom passeio; também não sou contra quem vai assistir a um bom filme no cinema, e muito menos poderia ser contra o esporte ou a prática

das atividades esportivas. Tudo isso pode ser muito bom e muito saudável, sim. Mas... quantas dessas pessoas, que superlotam os parques e *shoppings*, terão se lembrado de Deus nas suas horas de folga e de lazer?

Quanto, no dia seguinte, voltarão ao trabalho realmente refeitos, não só de corpo como também de alma? Quanto destes poderiam se enquadrar na famosa frase de Santo Agostinho: “Meu coração está inquieto e não descansará enquanto não repousar somente em Ti”?

Perdeu-se a noção da dignidade e da importância especial do domingo como momento insubstituível

de culto ao Divino, e também de descanso espiritual, tanto para o indivíduo quanto para a família. Em nossas consciências está se esvaziando, do seu real conteúdo, o Dia do Senhor. E com esse esvaziamento compromete-se um importantíssimo valor cristão.

Essa é a origem etimológica da palavra “domingo”: *Dies Domini*. O que está em jogo aqui não é uma questão desnecessária, de menor importância. A participação atenta, profunda e proveitosa na Santa Missa é uma condição indispensável para a autêntica vida cristã. Assim o lembrou São João Paulo II: “Tomem a sério o convite que a Igreja lhes dirige, com caráter obrigatório, para participar todos os domingos da Santa Missa”.

Que todo domingo seja configurado por essa nossa Fonte de Energia, como dia consagrado ao Senhor. A Ele pertence nossa vida, e somente a Ele se deve a nossa adoração. Todo domingo é uma maravilhosa oportunidade que nos é dada, de beber dessa Fonte, nesse processo de “recarregar baterias” espirituais no dia consagrado ao Senhor. Um santo e lindo momento para refazer as forças do corpo e do espírito, mudando nossas atividades habituais, deixando a rotina (muitas vezes massacrante) de lado.

## Desculpas para o não cumprimento do preceito dominical

Já ouvi dizer que o comparecimento à Missa pode atrapalhar a necessidade de descanso, lazer ou integração social. Colocam-se à frente de Deus a festinha de aniversário, o churrasco, o futebol, o lazer, as atividades sociais...

Alguém que faz essa confusão simplesmente não compreende que as duas coisas, Missa e descanso, não são opostas, mas devem se completar! – O passeio, o esporte, o lazer e o repouso são oportunidades para o ser humano serenar corpo, mente e espírito, e se colocar, assim, em condições ideais para entrar em Comunhão com o Criador. Para ir à Santa Missa, colher os frutos maravilhosos que só a Celebração Eucarística e a Comunhão com Deus podem nos oferecer.

### Fonte:

CINTRA, Luiz Fernando. Por que ir à Missa aos Domingos? São Paulo: Quadrante, 1989, pp. 3, 4

## A Fé Explicada

Leo J. Trese



Crer com inteligência e pensar e agir à luz das verdades cristãs: estes são os dois objetivos desta obra do sacerdote norte-americano Leo Trese, autor de inúmeras obras sobre a doutrina e a espiritualidade católicas.

Este livro é como uma ponte entre a razão e a fé, e entre a fé e a vida. Não constitui uma “caixinha de respostas”, mas desvenda a coerência e a beleza dos principais aspectos da fé católica. Dividido em três capítulos principais (O Credo, Os Mandamentos, Os Sacramentos e A Oração), mostra os pontos essenciais da fé cristã de modo didático, agradável e claro, o que facilita não só a compreensão do leitor mas também o trabalho de quem, depois, vai transmitir o seu conteúdo a outros, seja numa aula de catequese, seja ao conversar com parentes ou amigos.

A exposição das verdades da fé é sempre acompanhada de exemplos e de imagens que as ilustram e as tornam mais facilmente compreensíveis ao homem comum, que raramente tem à sua disposição conhecimentos teológicos especializados.

- Editora Quadrante - [www.quadrante.com.br](http://www.quadrante.com.br)
- Disponível na loja da Paróquia Nossa Senhora do Brasil



# HISTÓRIA DA IGREJA

**N**os primeiros anos da era cristã, primeiros tempos após o Sacrifício de Jesus, quando a Igreja ensaiava seus primeiros passos, todo o mundo mediterrâneo era controlado por Roma, que também dominava as nações dos continentes europeu, africano e asiático. O Grande Império Romano se estendia da Síria a Portugal, das Ilhas Britânicas ao Egito. Otávio Augusto soube concentrar o poder, e o Império vivia um período de paz e prosperidade (a *Pax Romana*).

A influência dos costumes e do pensamento dos gregos sobre o mundo mediterrâneo estimulava o interesse pela Filosofia e pela espiritualidade; um grande fervor religioso atingia todas as camadas da sociedade romana. A crença nos deuses pagãos, influenciada pela mitologia grega, tinha muito prestígio. Esses deuses tinham muitos devotos, e também existiam diversas outras linhas religiosas surgindo; pregadores anunciavam doutrinas a cada esquina das ruas do Império. Vindos do Egito, através de Alexandria, chegavam as novas devoções à deusa Ísis e ao deus Serápis; os fenícios adoravam seus baalins; os orfistas defendiam a existência de muitos mediadores entre o mundo dos deuses e o dos homens; os pitagóricos veneravam o Logos. Muitos se voltavam para Mitra, deus-sol ariano cujo culto se fortalecia com a astrolatria vinda da Caldeia. Havia ainda o culto sensual da deusa romana Cibele, mãe de Pessinonte.

Fervia uma enorme diversidade de seitas e superstições por toda parte. Além dos muitos deuses sobrenaturais, havia o culto aos soberanos. Trazido do Oriente, o culto de adoração a um ser humano como deus floresceu no Império.

Mas no meio dessa confusão de crenças havia um povo que sempre fez questão de manter a fidelidade a um só Deus, fugindo de todo o deslumbramento pagão. No exílio ou na Palestina, o pequeno povo de Israel nunca esqueceu a fé dos seus antepassados, fé no Deus de Abraão, Isaac e Jacó, Deus Criador, Uno e Salvador. Esse povo tinha convicção de ser a raça predestinada para trazer a salvação ao mundo. Acreditavam que entre este Deus único e seu povo havia uma Aliança, cujo sinal e garantia estava na Torá, a Lei de Moisés, que devia ser observada zelosamente.

Tal lei era uma coletânea de preceitos éticos e religiosos fixados num conjunto de cinco livros sagrados: o

Pentateuco. Junto deste, existiam outros livros históricos, proféticos e poéticos que formavam a coleção das Escrituras Sagradas do judaísmo: coleção de livros que nós, cristãos, chamamos hoje de Antigo Testamento da Bíblia.

Deste judaísmo surgiu um grupo distinto, que se diferenciava dos mesmos judeus e de todos os grupos pagãos, por suas ideias inéditas. Fundamentavam sua fé mais no Amor divino que na letra escrita judaica ou no esoterismo pagão. Eram seguidores de Jesus, morto e ressuscitado: nesses primeiros tempos chamavam a si mesmos de “seguidores do Caminho”, que para eles era o próprio Cristo.

A primeira geração destes seguidores do Caminho era conduzida por aqueles que conviveram e aprenderam diretamente de Jesus, os Apóstolos. Estes transmitiram o que aprenderam e ouviram aos seus sucessores, dando início à Tradição cristã católica. Cristã por se fundamentar em Cristo, católica por ser universal, aberta a todos os povos, não mais centrada num povo escolhido, como antes da vinda do Messias. O Povo de Deus, agora, era a multidão de pessoas que aderiam à Boa Nova de Jesus Cristo, Senhor e Salvador.

Nos primeiros anos após a crucificação de Jesus, não havia um cânon das Escrituras, e a Bíblia que conhecemos hoje ainda não existia. Só muito depois, pelo final do século III, é que surgiu uma definição das Sagradas Escrituras. Por isso, juntamente com os livros sagrados judaicos, os primeiros cristãos observavam, principalmente, a instrução dos Apóstolos, transmitida tanto oralmente quanto por meio de suas cartas. E já surgia uma tradição muito rica a respeito de tudo o que Jesus ensinara, da vida dos santos mártires, da mãe de Jesus e da Igreja... Essas histórias e essa sabedoria foram sendo transmitidas de geração para geração, e parte delas ficaram registradas nos Evangelhos e nos Atos.

A palavra “igreja” deriva do termo grego *ἐκκλησία* (*ekklésia*), e se referia a uma assembleia. Para os cristãos, porém, passou a ter um sentido especial: *ekklésia* passou a significar a reunião dos crentes para comungar o Cristo.

## • Fontes e referência bibliográfica:

LENZENWEGER, Josef et. al. *História da Igreja Católica*, 3ª ed. São Paulo: Loyola, 2006, pp. 9-12;

MONDONI, Danilo. *História da Igreja*, 3ª ed. São Paulo: Loyola, 2006, pp. 18, 21, 31,32.

## INFORMATIVO DA PARÓQUIA



NOSSA SENHORA  
DO

*Brasil*

Julho/Agosto de 2014

### PROGRAMAÇÃO PASTORAL

**Grupo Sementes do Espírito:**

Segundas-feiras às 20h.

**Grupo de Oração Espírito Santo:**

Quintas-feiras às 14h30 (de férias durante o mês de julho).

**Plantão de Oração:**

Terças-feiras às 15h (necessário marcar previamente, contatando uma pessoa responsável dos grupos de oração ou na secretaria paroquial. – De férias durante o mês de julho.

**Hora Santa com Exposição do Santíssimo:**

Sextas-feiras às 11h.

**Grupo de Jovens Divino Coração:**

Domingos às 18h.

**Apostolado da Oração:**

Santa Missa toda primeira sexta do mês às 18h.

**Oração das Mil Aves-Maria:**

Todo primeiro sábado do mês na Capela Nossa Senhora do Carmo.

**Missa de Nossa Senhora de Schoenstatt:**

Dia 15 de agosto, sexta-feira, às 12h.

**Recolhimento Opus Dei:**

Dia 15/7 – “Membros da Família de Deus”

Dia 19/7 – “Amor à Verdade”

### EXPEDIENTE PAROQUIAL

**Secretaria:**

Dias úteis: das 8h30 às 19h / sábados: das 8h30 às 14h

E-mail: [nsbrasil@nossasenhoradobrasil.com.br](mailto:nsbrasil@nossasenhoradobrasil.com.br)

**Horários de Missa**

Segundas-feiras: 8h, 9h, 12h05, 17h30 e 18h30.

Terça a sexta-feira: 8h, 9h, 12h05, e 17h30.

Sábados: 8h, 9h, 12 e 16h.

Domingos: 8h, 10h, 11h15, 12h30, 17h, 18h30 e 20h.

**Confissões**

Segundas, das 10h às 17h; sextas, das 10h às 12h; aos domingos, antes e durante as Missas (pode-se marcar hora para Confissão e direção espiritual).

**Batismo**

Curso preparatório ao Batismo para pais e padrinhos todo 3º domingo do mês, das 9 às 12h (27/7 e 24/8). Inscrições no dia; trazer uma lata de leite, para ser doada para instituições de caridade, e documentação. Veja no site [[www.nossasenhoradobrasil.com.br/pastoral-do-batismo](http://www.nossasenhoradobrasil.com.br/pastoral-do-batismo)] para conferir a lista de documentos.

**Horários e dias para Batismo**

Sábados, 13 e 15h (individuais) e domingos, 9h, 13h30 e 15h30 (individuais) e 14h30 (coletivo). Batismos individuais devem ser marcados com antecedência.

**Matrimônio / Curso de Noivos**

Informações sobre procedimentos, datas e horários disponíveis para casamento devem ser exclusivamente solicitadas pessoalmente, na secretaria paroquial. Curso de noivos de julho já iniciado. A partir de agosto, dias 20, 27 e 30, e 13 e 14 de setembro.

:: PARÓQUIA NOSSA SENHORA DO BRASIL ::

Praça N. Sª do Brasil, s/nº – Jardim Paulista – CEP.: 01438-060 – São Paulo – SP

**INFORMATIVO N. Sª DO BRASIL**

ANO 5 • ED. 32 • JUL/AGO 2014

Bimestral • Distribuição gratuita • Tiragem: 2500 exemplares

• Responsável: Pe. João Bechara Ventura

• Projeto editorial: Henrique Sebastião



(11) 3082-9786



[www.nossasenhoradobrasil.com.br](http://www.nossasenhoradobrasil.com.br)



[facebook.com/nossasenhoradobrasil](https://facebook.com/nossasenhoradobrasil)



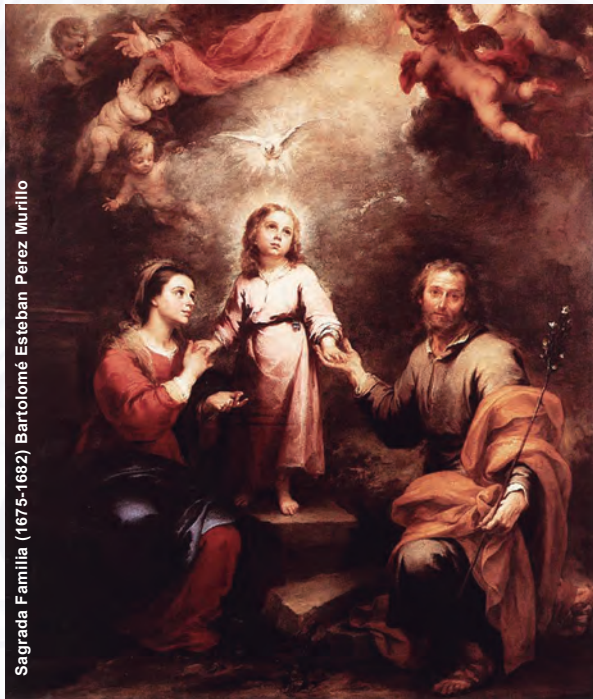
[twitter.com/nsbrasil](https://twitter.com/nsbrasil)



Baixe o app  
para **iPhone**  
**NSradoBrasil**

# MATRIMÔNIO E AMOR AOS PAIS

*Pastoral da Família*



Sagrada Família (1675-1682) Bartolomé Estéban Pérez Murillo

**EM UM DOS CURSOS DE NOIVOS** aqui na Paróquia, ocorreu a seguinte pergunta: “Como podemos honrar pai e mãe, se ao mesmo tempo se fala que é preciso colocar limites às ações destes no casal que constitui uma nova família? Onde está o limite entre manter o respeito aos pais e evitar, sem ofendê-los, uma intromissão na vida do casal? Afinal, o casamento gera uma diminuição do amor dos filhos (que se casam) aos seus pais?”

Um dos caminhos a esta resposta encontramos na passagem de S. Mateus: “Quem ama pai ou mãe mais do que a Mim, não é digno de Mim; e quem ama o filho ou a filha mais do que a Mim, não é digno de Mim.” (Mt 10,37-38). – De fato, a fonte de todo Amor está em Deus. No primeiro Mandamento lemos: “Amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração com toda a tua alma e com todas as tuas forças” (Dt 6,5). Assim também nos afirma S. João na sua Primeira Carta: “Quem diz que O conhece e não guarda os Seus Mandamentos é um mentiroso, e a verdade não está nele. Mas quem guarda a Sua palavra, nesse o amor de Deus é verdadeiramente perfeito; por isto conhecemos que estamos n’Ele.” (1 Jo 2, 3-6).

Desta maneira guardamos em primeiro lugar nosso Amor para Deus, para que todos os outros possam viver em função d’Ele. É natural que sejam os nossos pais, pela autoridade que procede de Deus, os primeiros na

nossa dedicação. Responsáveis pela transmissão da vida que nos deu origem, na oportunidade de nos tornarmos filhos de Deus, são dignos de toda a honra e respeito, conforme assegura o quarto Mandamento (Dt 5,16), que se segue aos três primeiros que dizem respeito a Deus.

Contudo, na união mediante o Sacramento do Matrimônio nos tornamos, na condição de cônjuges, uma nova vida, onde “deixará o homem o pai e a mãe e se unirá à sua mulher, e eles serão uma só carne” (Gn 2,24). Nasce uma nova vida, que já não é somente da carne, mas também em espírito de união. E sobre isto diz Jesus a Nicodemos: “Aquilo que nasceu da carne é carne, aquilo que nasceu do Espírito é espírito. Não te maravilhes de Eu te dizer: é preciso que nasçais de novo.” (Jo 3,6-8).

Pela decisão livre dos noivos, estes assumem o compromisso para uma nova vida, com indissolubilidade até a morte, que deve permanecer no Amor de Deus. Se como filhos fomos gerados por amor dos pais, agora os noivos se colocam diante da plenitude do Amor para constituir uma nova vida, onde não deixa de existir o amor aos pais, mas se introduz um amor maior ao cônjuge, que se mantém ordenadamente abaixo de Deus.

Desta maneira o casal, na verdade, passa a poder crescer ainda mais no amor que tem aos pais, respeitada a nova hierarquia. Assim como uma criança no ventre materno, ainda que tão próxima à mãe, só poderá crescer no amor pelo nascimento, que rompe o cordão umbilical para uma nova vida por se desenvolver, os noivos, agora casados, rompem o “cordão umbilical”, o que lhes permite um crescimento para promover maior amor aos pais. Sem esta ruptura não se pode ter vida própria de fato, com liberdade e autonomia. De certa forma, estamos “nascendo de novo”, como fala Cristo a Nicodemos.

Assim, devem entender os pais que seus filhos casados precisam ter liberdade para crescer, e que suas escolhas não significam uma fuga ou desrespeito ao carinho que os pais sempre lhes dedicaram com tanto esforço. Pelo contrário, devem estes se alegrar na vida dos filhos, agora casados, pela possibilidade de crescer além da educação recebida, mediante o esforço próprio do casal, que pode superar as expectativas iniciais.

Para tanto, é de bom conselho que, nesta nova vida, que surge em cada família constituída no Altar pelo Sacramento, estejam sempre presentes Maria e José. Eles, que souberam se entregar a um amor humano jamais vivido, entenderam que para o crescimento deste amor deveriam crescer a cada dia no Amor a Deus.



*“...Com quantas dores e angústias nos remistes!”*

# O Sangue de Jesus

**DEPOIS DO MÊS DE MAIO** consagrado a Maria, e de junho consagrado ao Sagrado Coração de Jesus, a Igreja sabiamente estabeleceu que o mês de julho seja consagrado ao Preciosíssimo Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Julho está no centro do ano e é o mês das colheitas. A redenção não seria por acaso a colheita mais fecunda do amor de Cristo derramado nas nossas almas através de Seu Sangue? – Julho é também mês de férias para muitos e, para não cairmos na efervescência do mundo, permitindo que o mal triunfe, precisamos de uma força especial: o Sangue de Jesus.

## Grupo de Oração Espírito Santo

Você quer conhecer o poder do Sangue de Jesus? O poderoso Sangue foi derramado por você e toda humanidade. Cada um de nós tem direito a uma porção deste Sangue (1Pd 1,2) que nos nutre espiritualmente, nos dá a vida e nos resgata do poder das trevas. De que fonte brotou e de onde correu? Jorrou da própria Cruz e do lado aberto do peito de Jesus, para nossa redenção: Seu Sangue nos cura, salva e liberta.

Como utilizar esta arma espiritual? Pela Fé! Para que o Sangue de Jesus possa agir, temos que clamá-Lo sobre nós, nossos queridos, nossa casa, nosso local de trabalho, nas situações difíceis que enfrentamos e em todos os momentos da nossa vida (Dom Cipriano Chagas). O Sangue de Jesus é arma poderosa a nosso dispor, pois não lutamos com armas humanas, mas com armas espirituais (2Cor 10,4) capazes de arrasar fortificações: egoísmo, inveja, desobediência, altivez mental, falta de perdão, ódio e tudo o que nos afasta do amor de Deus.

Santa e imaculada, a Igreja nasceu do lado aberto de Jesus no momento em que dEle jorrou Sangue e Água, símbolos do Batismo e dos Mistérios (Ef 5,27b). Através dos Sacramentos da Reconciliação e da Eucaristia, somos purificados e comungamos do Corpo e Sangue de Cristo, nos tornando partícipes de Seus Mistérios.

### O que diz a Bíblia sobre o Sangue de Cristo?

- \* O Sangue do Cordeiro nos purifica do pecado (1Jo 1,7);
- \* nos enche de confiança e ousadia espiritual (Hb 10,19);
- \* nos santifica (Hb 13,12);
- \* nos ajuda a vencer o inimigo (Ap 12,11);
- \* nos dá a vida eterna (Jo 6, 54).

**O Sangue de Jesus tem poder! Ah... Se cada batizado soubesse e se aspergisse diariamente com esta arma, o maligno nada poderia contra nós!**

*• Participe conosco do Grupo de Oração Espírito Santo, às 5as feiras, a partir das 14h30.*

# O SACRAMENTO DA CRISMA NÃO É ACESSÓRIO!

RECENTEMENTE FALOU O PAPA FRANCISCO a numerosos fiéis católicos de várias partes do mundo, em sua catequese semanal na Praça São Pedro, sobre a importância fundamental do Sacramento da Crisma ou da Confirmação. Explicou bem o Santo Padre que este Sacramento deve ser entendido como **continuação do Batismo**, ao qual está ligado de modo inseparável. Ambos os Sacramentos, junto com a Eucaristia, formam um único evento salvífico (o da iniciação cristã), pelo qual somos acolhidos por Deus Pai por Cristo Ressuscitado, e que nos torna novas criaturas e membros da Igreja que é o próprio Corpo Místico do Senhor.

“Eis porque”, disse o Papa, “esses três Sacramentos (Batismo, Crisma e Eucaristia) são celebrados num único momento, ao término do caminho catecumenal, geralmente na Vigília Pascal. Assim era selado o percurso de formação e de gradual inserção à comunidade cristã, que podia durar até alguns anos. Era feito passo a passo até chegar ao Batismo, depois à Crisma e à Eucaristia”. – “De fato”, explicou o Pontífice, “através do óleo do Crisma somos conformados, pelo poder do Espírito, a Jesus, o único e verdadeiro Ungido, o Messias, o Santo de Deus”.

É essencial que todo fiel católico receba o Sacramento da Crisma, para que seu caminho seja completo ao receber o Espírito Santo. Inicia-se a partir do sábado, dia 9 de agosto, a catequese para a Crisma na Paróquia Nossa Senhora do Brasil, com uma reunião geral de apresentação, prosseguindo com turmas de segunda à quinta-feira e aos sábados e domingos, com horários pela manhã, à tarde e à noite. Mais informações na secretaria paroquial. Tel.: (11) 3082-9786; e-mail: nsbrasil@nossasenhoraodobrasil.com.br.

## Proclamas de Casamento

**JULHO: 5** – Rogério Martins e Elke Priscila Kamrowski / **11** – Caio Eduardo Assayag e Thalita Mol Silva do Valle; Ricardo Domingues Dias e Michelle Moraes / **18** – Rafael Lanzotti Oliveira e Fernanda Brites Andrade de Souza / **19** – Miguel da Costa Carvalho Vidigal e Maria Carolina Loewen Silvestre de Souza; Marcelo Ferreira Morgado e Alanna Luigi Saldanha; Daniel Nepomuceno de Oliveira e Karina Pereira Castelo; Rui Augusto de Oliveira Junior e Onney Choi; Fabio Dias Leme e Carla Edvirges Martins Borges de Lima / **24** – Antonio de Queiroz Galvão Neto e Ana Cecília Fioravanti / **25** – Vinícius Silbiger De Stefano e Sofia Sayuri Kawamura / **26** – Marcus Vinícius Accardo de Moraes e Bruna Mantovani Buscatti; Wagner Paulo Pereira e Telma Hayashi; Jaime Sergio Almaraz Vidal Rocha e Renata Coelho de Oliveira; Michelangelo Malatesta e Suziane Bastos de Souza; Wagner Andrade da Silva Junior e Beatriz Moreira de Queiroz Telles

**AGOSTO: 1** – Bruno Cunha Bagnoli e Luana Bertoni / **2** – Renato Villas Boas de Sampaio Vianna e Isabel Maria Renso Cunha; Guilherme Machado Estevão Pires e Cássia Bou Assi Gerlach; Fabio Oliveira Santos e Luciana Signoretti Domingues; Bruno Leonardo Bonomi e Renata Caturegli Chammas; Carlos Alberto de Oliveira Pinto e Graziella Marcelli / **9** – Andre Ferreira Sanches Russo e Camilla Borges Fernandez Reinales; Hugo Bravo Rosin e Elaine Alboz; Gabriel Rodrigues Bacellar e Patricia Tunon; Renato Alvim Soares e Ursula Helena Ribeiro Lopes Navarro; Bruno Baldin Coelho e Ana Paula Santana de Miranda / **13** – Vitor Vilebas e Diana Gastão / **15** – Aéliton Santos Teixeira e Bruna Barbieri Bariani / **16** – Giancarlo

Freitas Maruggi e Gabriela Giansi Araujo; Renan Rovai Sanazar e Catharine Poli Espanhol; Christiano Jorge Santos e Caroline Marques Pereira Leal; Francisco Guilherme Nastari e Monique Kranholdt Oberlaender; Gustavo de Oliveira Calvet e Camila Porto Melleiro / **23** – Reinaldo Niaz Chohfi e Lívia Salles Annunziata Marques / **29** – Marcello de Arruda Matteucci e Juliana Seabra de Amaro / **30** – Jefferson Leandro Pereira e Bianca Grubisich

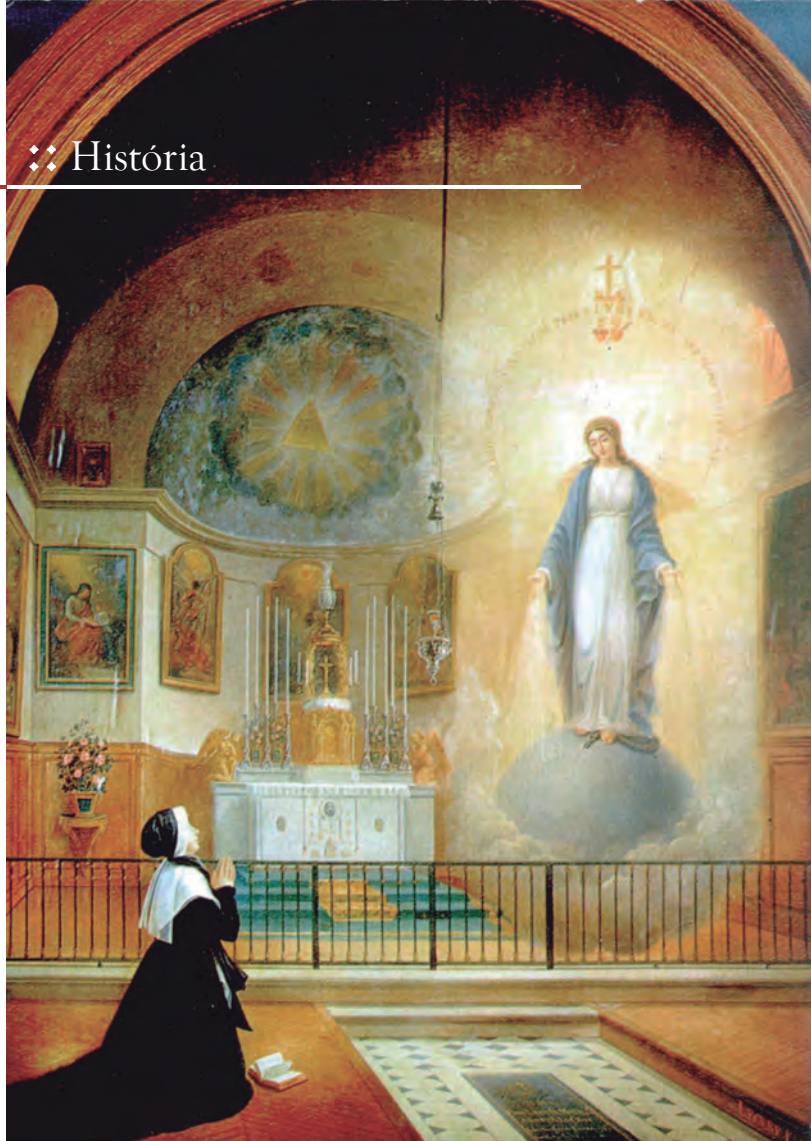
## Aniversariantes dizimistas

### JULHO

Maria de Lourdes Meireles  
Maria Stela do Amaral  
Rosemari Garcia  
Maria de Lourdes Gomes Mota  
Ana Claudia Atem

### AGOSTO

Rosa Maria Orlando Caífa  
Sônia Maria Sapupo  
Edith Franco Camargo Aranha  
Maria Glória Mercer  
Tereza Junqueira  
Kátia Simone Vianna



## AS APARIÇÕES DE NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS

**A**s aparições marianas são vistas como sinal da Promessa divina de salvação, e, também, às vezes, como prelúdio do Apocalipse. Entretanto, a maioria desconhece que os relatos dessas visitas especiais da Virgem ao mundo remontam, no mínimo, ao século III, quando Gregório, o Taumaturgo, atestou que Nossa Senhora lhe aparecera uma noite, acompanhada de João Batista, para introduzi-lo no Mistério da piedade.

Popularmente, considera-se que as modernas aparições marianas tiveram início com as visões da camponesa Bernadette Soubirous, em Lourdes, França, no decorrer do ano de 1858: visões que até hoje inspiram o interesse de religiosos e pesquisadores do mundo inteiro. Mas, na realidade, as aparições da Virgem na era moderna começaram 28 anos antes. Foi no Convento das Irmãs de Caridade da *Rue du Bac*, em Paris, que a freira Catarina Labouré viu Maria Santíssima cercada de luz, com um pé sobre um globo branco e o outro pisando a cabeça de uma serpente. Nas mãos, disse Catarina, a Virgem levava uma esfera dourada que representava o mundo, – imagens fortemente relacionadas com o que se lê no Livro

do Apocalipse: uma “Mulher vestida de Sol” enfrenta Satanás pelo destino das almas.

Catarina Labouré contou que Nossa Senhora lhe prevenira que o mundo estava prestes a ser dominado por “males de toda espécie”, e que a encarregara de mandar cunhar uma medalha que reproduzisse a forma com a qual se lhe apresentara. Por isso, a aparição ficou conhecida como a de Nossa Senhora das Graças ou da Medalha Milagrosa.

Foram, portanto, estas aparições, em 1830, que marcaram o início de um ciclo de grandes revelações marianas. – Ciclo que prosseguiu em La Salette (1846) e Lourdes (1858), e culminou em Fátima (1917).

Em suas mensagens, invariavelmente Nossa Senhora deplora os pecados do mundo, lembra à humanidade o Caminho a seguir, seu Filho Jesus Cristo, como única possibilidade de salvação, e previne quanto a severos castigos em caso de não conversão. Mas também anuncia que, depois de tudo, virá o esplendoroso triunfo do Bem.

A Catarina Labouré, a Imaculada se manifesta do Céu para nos trazer um sinal especial: a representação de sua figura, derramando graças aos filhos que pedirem sua intercessão, em uma medalha bendita. – A Medalha Milagrosa é um rico presente que Maria Santíssima oferece ao mundo como penhor de suas bênçãos maternais, e que serviu como meio de preparação para a definição dogmática de 1854.

Foi da comunidade fundada por São Vicente de Paulo que Maria escolheu sua confidente, recompensando a devoção que o santo sempre teve por sua Imaculada Conceição, transmitida aos seus filhos e filhas espirituais.

Catarina Labouré nasceu em 2 de maio de 1806, em *Côte d’Or*, França. Aos 24 anos tomou o hábito das Filhas da Caridade. Novíça ainda, muito humilde, inocente e unida a Deus, era

ternamente devota à Santíssima Virgem, a quem escolhera por Mãe desde que, pequenina, ficara órfã. Ardia em desejos de ver Nossa Senhora, e insistia com seu Anjo da Guarda que lhe alcançasse este grande favor.

## Primeira Aparição

A primeira aparição ocorreu durante a noite, de 18 para 19 de julho de 1830. A Virgem apareceu à Catarina às 23h30. A irmãzinha acordou-se e ouviu claramente chamar, por três vezes: “Irmã”... Olhou para o lado de onde vinha a voz e viu um menino vestido de branco; viu nele seu Anjo da Guarda. O menino lhe disse: “Vem à capela, a Santa Virgem te espera”.

Catarina vestiu-se depressa e seguiu o Anjo, tendo-o sempre à esquerda. As luzes por onde passaram estavam acesas, o que lhe causou admiração; maior foi o seu espanto quando, ao chegar à capela, a porta se abriu, mal o menino a tocou com as pontas dos dedos. Na capela, todas as velas estavam também acesas. O menino a conduziu ao Santuário, junto à cadeira do padre diretor.

Catarina, então, esperou e rezou. Passada cerca de meia hora, o anjo disse: “Eis a Santíssima Virgem!” - Ao lado do Altar, onde se lê a Epístola, Maria desceu, dobrou o joelho diante do Santíssimo e foi sentar-se numa cadeira no presbitério(!). Num piscar de olhos, a vidente atirou-se aos seus pés, apoiando as mãos sobre os joelhos maternos da Santa Virgem.

Foi esse, diria ela depois, o momento mais belo de sua vida. Durante duas horas, Maria falou com Catarina, sobre a missão que Deus queria lhe confiar, e das dificuldades que encontraria. “Ela me disse como deveria proceder com meu diretor, como proceder nas horas de sofrimento e muitas outras coisas que não posso revelar”,

contou Catarina. O que não podia contar em 1830, revelou depois: “Várias desgraças cairão sobre a França; o trono será derrubado; o mundo inteiro será revolto por desgraças...”. Falou de “grandes abusos” e do “grande relaxamento” de sacerdotes e freiras.

Falou também de outros terríveis acontecimentos que ocorreriam em futuro mais distante, prevendo com 40 anos de antecedência as agitações da Comuna de Paris e o assassinato do Arcebispo; Nossa Senhora prometeu sua especial proteção, nessas horas trágicas, aos filhos e filhas de São Vicente de Paulo. Depois, Maria desapareceu, e o Anjo reconduziu Catarina ao dormitório.

## Segunda Aparição

A Segunda aparição aconteceu no dia 27 de novembro de 1830, sábado antes do primeiro Domingo do Advento. Estando a irmã na oração da tarde, às 17h30, na mesma capela à *Rue du Bac*, a Rainha do Céu se lhe mostrou, primeiro, junto do arco cruzeiro, ao lado da Epístola, onde hoje está o Altar “*Virgo Potens*”, e depois por detrás do Sacrário, no Altar-mor.

“A Virgem Santíssima”, disse Catarina, “apareceu e estava de pé sobre um globo, vestida de branco (...), véu branco a cobrir-lhe a cabeça, manto azul prateado que lhe descia até aos pés. Suas mãos erguidas à altura do peito seguravam um globo de ouro, em cima do qual havia uma cruz. Tinha os olhos erguidos ao céu, e seu rosto iluminava-se enquanto oferecia o globo a Nosso Senhor Jesus Cristo”. Contemplando, em êxtase, Catarina ouviu uma voz que lhe disse: “Este globo que vês representa o mundo inteiro e especialmente a França, e cada pessoa em particular. Os raios são o símbolo das graças que derramo sobre as pessoas que mas pedem. Os raios

mais espessos correspondem às graças que as pessoas se recordam de pedir. Os raios mais delgados correspondem às graças que as pessoas não se lembram de pedir”.

Enquanto Maria está rodeada por luz brilhante, o globo desaparece de suas mãos. Forma-se em torno da Virgem um quadro de forma oval em que há, em letras douradas, as palavras: “Ó Maria concebida sem pecado, rogai por nós que recorremos a vós”. - Então a voz se faz ouvir, e diz: “Manda cunhar uma medalha por este modelo; as pessoas que a trouxerem indulgenciada receberão grandes graças, mormente se a trouxerem ao pescoço; hão de ser abundantes as graças para as pessoas que a trouxerem com confiança”.



Nesse instante, a imagem luminosa transforma-se: as mãos carregadas de anéis, que seguravam o globo, abaixam-se, abrindo-se e despejando raios sobre o globo em que pisa esmagando a serpente infernal. Depois, o quadro volta-se, mostrando no reverso um conjunto de emblemas: no centro, um grande “M” encimado por uma cruz sobre uma barra. Abaixo, dois corações: o da esquerda cercado de espinhos, o da direita transpassado por uma espada. Uma constelação de doze estrelas, em forma oval, cerca todo o conjunto.

Passaram-se dois anos sem que os superiores eclesiásticos decidissem o que fazer; só depois do inquérito canônico é que se



cunhou a Medalha, por ordem do Arcebispo de Paris, Mons. Quélen.

Paris sofria com a peste, que dizimava milhares todos os dias, e aos doentes nos hospitais onde as Irmãs de Caridade serviam foram distribuídas as primeiras medalhas. Pois foram estes os primeiros a ficarem milagrosamente curados(!). Logo, grande parte do povo passou a usar as medalhas, sendo incontáveis os casos de cura. Tudo aconteceu exatamente nos tempos de uma França que era berço do iluminismo, da negação da fé e de um materialismo crescente.

Entre outros prodígios, é célebre a conversão do judeu Afonso Ratisbonne, depois da visão que teve na Igreja de Santo Andrea delle Frate (Roma), na qual a Santíssima Virgem lhe apareceu como está representada na Medalha.

Diante de tantos sinais, começou a se espalhar com muita rapidez, pelo mundo inteiro, esta santa devoção, com prodígios e milagres; reanimando a fé quase extinta em muitos corações, produzindo notável restauração dos bons costumes e da virtude cristã, curando corpos, convertendo almas.

O primeiro a aprovar e abençoar a Medalha foi o Papa Gregório XVI, confiando-se à sua proteção e conservando-a junto de seu crucifixo. Pio IX, seu sucessor, dava-a como prenda particular. De 1832 a 1836, foram cunhados dois milhões delas, em ouro e prata, e dezoito milhões em cobre.

Graças a esta difusão prodigiosa, foi-se radicando mais e melhor no povo cristão a fé na Imaculada Conceição de Maria. Este grande privilégio da Virgem de Nazaré foi afinal proclamado dogma em 1854, pelo Papa Pio IX. Em 1858, Nossa Senhora confirmou essa verdade em suas aparições em Lourdes à pequena Bernadette, que trazia a medalha ao pescoço, quando Maria fez-se conhecer com estas palavras: “Eu sou a Imaculada Conceição”.

Em outras aparições, a Santíssima Virgem falou a Catarina da fundação de uma Associação das Filhas de Maria, que o Papa Pio IX aprovaria em 20 de junho de 1847, enriquecendo-a com indulgências.

Leão XIII, em 23 de junho de 1894, instituiu a Festa da Meda-

lha Milagrosa; Pio X, em 6 de junho de 1904, concedeu 100 dias de indulgência a cada vez que se diga a invocação: “Ó Maria concebida sem pecado, rogai por nós que recorremos a Vós”, a todos quantos tenham recebido canonicamente a santa Medalha; em 8 de julho de 1909 instituiu a “Associação da Medalha Milagrosa”.

Hoje, todo o interior da Igreja de Nossa Senhora das Graças, em Paris, assim como o pátio externo, são cheios de marcas das manifestações dos fiéis pelas graças alcançadas, principalmente placas de mármore com a palavra “*Merci*” (obrigado) acompanhada da data em que a graça foi recebida. Ainda estão lá algumas placas da época em que os primeiros milagres aconteceram, pouco depois da distribuição das primeiras medalhas ao povo, na década de 1830.

#### Fontes e bibliografia:

- BÖING, Mafalda Pereira. Nossa Senhora das Graças – a Medalha Milagrosa. São Paulo: Loyola, 2007.
- SULLIVAN, Randall. Detetive de Milagres. São Paulo: Objetiva, 2005.

# ADMIRÁVEL SACRAMENTO DO BATISMO

Em continuidade à nossa série de artigos sobre os Sacramentos da Igreja, após a introdução da última edição, tratamos agora do Batismo. O que é o Batismo? Qual sua finalidade? Por que a Igreja Católica batiza crianças? São algumas das questões que procuramos esclarecer.

**E**m sua vida, até hoje, existiram momentos decisivos e importantes, que você comemora todos os anos: o dia do seu nascimento, o dia em que se casou... São comemorações válidas e importantes, sem dúvida. E se essas coisas temporárias, que um dia perderão a importância e o significado (já que pertencem a este mundo passageiro), merecem ser celebradas, imagine então o dia do seu Batismo, dia em que você foi integrado ao Corpo de Cristo, dia em que você nasceu para a vida eterna, vida na Graça Divina que dura para sempre?

Qual a data do seu Batismo? Você é capaz de responder assim, de imediato? Nesse dia você procura ir à Missa, ou pelo menos rezar de modo especial? Você reflete sobre este imenso dom que Deus lhe ofereceu? É **mu**ito importante compreender bem o valor da graça do Batismo em sua vida. Este artigo, claro, não se pretende suficiente para esclarecer toda a riqueza e valor do maravilhoso Sacramento do Batismo. Propõe-se, antes, a servir como um convite à reflexão.

## O batismo de João e o Batismo cristão

Para começar, é preciso saber que ninguém pode entender o Batismo sem pensar na Ressurreição de Jesus. Na madrugada daquele Domingo glorioso, o Pai derramou o Espírito Santo,

tureza humana) e foi ressuscitado e glorificado pelo Espírito (1Tm 3,16).

Assim Jesus, glorificado pelo Espírito Santo, entrou no Cenáculo de Jerusalém e derramou o mesmo Espírito da Ressurreição sobre os Apóstolos: “A paz esteja convosco! Recebei o Espírito Santo (Jo 20,19-22)!”. Cristo recebeu do Pai o Espírito prometido, batizou nEle a Igreja e derramou sobre nós este mesmo Espírito (At 2,32).

João Batista já havia profetizado: “Eu batizo com água, mas vem aquele que batizará com o Espírito e com Fogo” (Jo 1,33; Lc 3,16). O batismo de João, na água, era preparatório para a vinda do Messias: ainda não era o Sacramento do Batismo, não era o Batismo cristão. É o Messias, isto é, o Ungido no Espírito de Ressurreição, quem batizará no Espírito, e Ele mesmo diz: “O Espírito do Senhor está sobre mim, o Senhor me ungiu” (Lc 4,18). Os cristãos, portanto, nunca tiveram “batismo nas águas”: o nosso Batismo é no Espírito Santo. Falar em “batismo nas águas” é voltar ao Antigo Testamento; é parar em



Espírito de Ressurreição, sobre o Filho: seu Corpo e Alma foram ressuscitados, e Jesus ficou pleno do Espírito Santo, de modo que sua natureza humana tornou-se gloriosa. Jesus se manifestou e padeceu em carne (na-



João Batista e desprezar o Sacramento do Batismo trazido pelo Cristo.

Foi no Domingo da Páscoa que os Apóstolos tornaram-se realmente cristãos, pois receberam a vida nova do Ressuscitado, foram transfigurados em Cristo! Aí nasceu a Igreja: na Ressurreição. Aí ela foi batizada e recebeu o poder de batizar: “Como o Pai me enviou, assim eu vos envio (Jo 20,21)!” Assim, a Igreja deve batizar todo aquele que crê. Isto significa acolher Jesus Ressuscitado pelo Batismo. A palavra “batizar” vem do grego e significa, literalmente, “mergulhar, imergir”. Mas não significa mergulhar na água, e sim a imersão no Espírito Santo de Deus, o Espírito prometido que ressuscitou Jesus! É isso que o Evangelho afirma: “Quem não nascer da água e do Espírito não pode entrar no Reino de Deus (Jo 3,5)”. Observe bem: da água, símbolo e sinal do Espírito, renascer do próprio Espírito.

O mesmo Evangelho confirma: “Jesus, de pé, diz em alta voz: ‘Se alguém tem sede, venha a mim e beba!’ (...) Ele falava do Espírito que deviam receber os que creram nEle...” (Jo 7,37-39). Paulo Apóstolo explicou: “De fato, todos nós, judeus ou gregos, escravos ou livres, fomos batizados num único Espírito, para formarmos um único Corpo (1Cor 12,13).” Os cristãos não batizam somente na água que purifica o corpo, e sim no Espírito que Jesus dá por sua Ressurreição.

## Efeitos do Batismo

Primeiro, o Espírito dado no Batismo é para o perdão dos pecados: “Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome do Senhor Jesus Cristo, para a remissão dos pecados; e recebereis o Dom do Espírito Santo” (At 2,38). Aquele que é batizado, recebendo o Espírito Santo, recebe o perdão dos pecados. O Espírito do Ressuscitado é Fogo que queima todo pecado e Água que faz brotar uma vida nova.

O Espírito nos livra, primeiramente, do Pecado Original. Todos nós, desde a nossa concepção, somos membros de uma humanidade pecadora e desarrumada; uma humanidade que, desde o início, teima em fechar-se para Deus. O resultado é o desequilíbrio, o egoísmo, a falta de rumo. E pelo simples fato de sermos humanos já fazemos parte deste fechamento em relação a Deus. Somos membros da humanidade, partilhamos do seu passado que condiciona o nosso presente, o que somos, pensamos e fazemos, assim como o nosso presente condiciona o futuro dos nossos filhos. Paulo diz: “Todos pecaram e estão privados da Glória de Deus”

(Rm 3,23). O salmista canta: “Minha mãe já me concebeu pecador” (Sl 51,5). É este o sentido do Pecado Original. Ninguém nasce justo ou santo perante Deus. Mesmo a criança, ainda sem pecado pessoal, já traz a marca do Pecado Original, e o manifesta nas malcriações, no egocentrismo, nas chantagens infantis... É este estado que chamamos de Pecado Original.

É essa força do pecado que o Batismo, na potência do Espírito Santo, apaga em nós: “Não existe mais condenação alguma para os que estão em Cristo Jesus.” (Rm 8, 1) E aos adultos, também os pecados pessoais são perdoados: “Se Cristo está em vós, o corpo está morto pelo pecado, mas o Espírito é vida, pela justiça (Rm 8, 2.10)”. O Batismo torna-nos realmente santos; somos santificados pelo Espírito daquele que destruiu o pecado: Cristo Jesus.

Aí surge uma questão importante: se é assim, por que continuamos caindo em tentação? Por que continuamos pecando, mesmo depois do Batismo? Para entender esta questão, é necessário saber distinguir o que é pecado e o que é a **concupiscência**. Sim: mesmo aquele que crê em Jesus e vive no seu Espírito, ainda experimenta a fraqueza. Isso acontece porque permanece uma tendência, uma inclinação para o pecado. Essa inclinação, segundo a Escritura e o Catecismo da Igreja, é a concupiscência. “O Batismo confere àquele que o recebe a graça da purificação dos pecados. Mas o batizado deve continuar a lutar contra a concupiscência da carne e as cobiças desordenadas (CIC §2520)”.

A concupiscência não é pecado em si, desde que o cristão a combata: a doutrina da Igreja esclarece que a concupiscência foi-nos deixada para que possamos “combater o bom combate (2Tm 4, 7)”. Um mal desejo é concupiscência para o pecado, mas o pecado só se concretiza se alimentamos esse desejo ou se o satisfazemos. Por isso Jesus ensina a pedir ao Pai Celestial: “Não nos deixeis cair em tentação”.

Além do perdão dos pecados, o Espírito que recebemos no Batismo nos une, incorporando-nos em Cristo como membros de um só Corpo. Se temos o Espírito de Cristo, somos uma só coisa com Ele: “Aquele que se une ao Senhor, constitui com Ele um só Espírito (1 Cor 6, 17)”! Maravilha das maravilhas! Pelo Batismo, a Vida do Ressuscitado, que é o Santo Espírito, habita em nós! Cristo está em nós e nós vivemos dEle e nEle! Assim, podemos dizer que o Batismo nos “cristifica”. Como S. Paulo, podemos dizer: “Já não sou eu que vivo, mas Cristo vive em mim.” (Gl 2, 20)

## E o Batismo de crianças?

A Sagrada Escritura cita vários exemplos de pagãos que professaram a fé cristã e que foram batizados “com toda a sua casa”. A palavra “casa” (‘oikos’, no texto original em grego) designava o chefe de família com todos os seus domésticos, inclusive, sem dúvida, as crianças:

“Disse-lhes Pedro: ‘Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo, para perdão dos pecados. E recebereis o dom do Espírito Santo. A promessa diz respeito a vós, **a vossos filhos** e a todos que estão longe: a tantos quantos Deus nosso Senhor chamar’.” (At 2,38-39)

“E uma certa mulher chamada Lídia, vendedora de púrpura, da cidade de Tiatira, e que servia a Deus, nos ouvia, e o Senhor lhe abriu o coração para que estivesse atenta ao que Paulo dizia. E, depois que **foi batizada, ela e a sua casa**, rogou-nos dizendo: ‘Se haveis julgado que eu seja fiel ao Senhor, entrai em minha casa, e ficai ali’.” (At 16,14-15)

“Tomando-os o carcereiro consigo naquela mesma noite, lavou-lhes os vergões; então logo foi batizado, **ele e todos os seus**.” (At 16,33)

“Crispo, principal da sinagoga, creu no Senhor, **com toda a sua casa**; e muitos dos coríntios, ouvindo-o, crearam e foram batizados.” (At 18,8)

“Batizei também **a família de Estéfanos**; além destes, não sei se batizei algum outro.” (1Cor 1,16)

Aqui se faz necessário observar que no lugar e período histórico a que os textos sagrados se referem, praticamente não existiam famílias sem crianças. Filhos eram vistos como bênçãos dos céus, e ninguém simplesmente optava por não tê-los.

## Sobre os argumentos protestantes e/ou “evangélicos”

Membros de algumas comunidades protestantes e “evangélicas” em geral (pentecostais e neopentecostais) costumam argumentar dizendo que Jesus foi batizado na idade adulta, – e que por isso também os cristãos deveriam ser batizados somente quando adultos. – Trata-se de um argumento tão absurdo que é difícil crer que alguém minimamente inteligente, de limpa consciência, possa aceitá-lo! Tais pessoas se esquecem de muitas realidades simplesmente óbvias, auto-evidentes.

Em primeiro lugar, o Batismo cristão teve origem *após* o Ministério do próprio Jesus Cristo, que se iniciou aos seus 30 anos. Como é que Jesus poderia ter sido batizado quando criança se o Sacramento do Batismo, naquela ocasião, ainda não havia sido instituído, por Ele mesmo? Quando Jesus veio ao mundo, o cristianismo, – claro, – ainda não existia. Logo, Ele não foi batizado segundo o costume cristão, simplesmente, porque esse costume ainda não existia.

Os ritos da lei mosaica só deixariam de valer após a Ressurreição do Cristo (cf. Mt 26,61). Por isso



## COLABORE COM A REVISTA “O FIEL CATÓLICO” E AJUDE-NOS A CONTINUAR EM ATIVIDADE!

Nosso apostolado tem por missão a catequese e a evangelização dos povos. “O Fiel Católico” traz, bimestralmente, estudos e artigos esclarecedores sobre a Teologia, a doutrina, a fé e a verdadeira espiritualidade católica apostólica romana. Você pode participar deste projeto: com uma colaboração única, receba esta revista em sua residência ou outro endereço de sua preferência, por um ano. Fale conosco!

*Apostolado Fiel Católico:*

**ofielcatolico@gmail.com - (11) 3082-9786 / 9 4966-5406**

• Na internet: **ofielcatolico.com.br**

é que Jesus foi apresentado no Templo quando criança: a lei mosaica ainda valia e o Batismo cristão não existia. Logo, se fôssemos seguir este mesmo raciocínio, de batizar somente na idade adulta *porque* o Senhor foi batizado adulto, então precisaríamos também circuncidar os nossos filhos e observar todos os outros preceitos da antiga Lei mosaica.

O fato, porém, é que a circuncisão, sinal da iniciação do judeu na vida religiosa, era praticada nas crianças. – E no cristianismo, a circuncisão (sinal da Antiga Aliança), foi substituída pelo Batismo (sinal da Nova e Eterna Aliança). Desta forma, o Batismo também pode/ deve ser ministrado às crianças:

“NEle fostes circuncidados, por circuncisão não feita por mão de homem, mas pelo despojamento da vossa natureza carnal: essa é a circuncisão de Cristo. Fostes sepultados com Ele no Batismo; também com Ele ressuscitastes pela fé no Poder de Deus, que o ressuscitou dos mortos.” (Col 2,11-12)

Como vimos, através do Batismo o Espírito Santo nos dá um novo nascimento e nos regenera. As crianças também devem ser batizadas, pois todos nós já nascemos pecadores. Todos são pecadores e carecem da Graça de Deus, em razão do pecado de Adão, inclusive as crianças: “Como por um homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte, assim também a morte passou a todos os homens, porque todos pecaram” (Rm 5,12); **“Certamente em iniquidade fui formado, e em pecado me concebeu a minha mãe”** (Sl 51,5).

Ainda a respeito do batismo de crianças, podemos dizer que o mais importante, óbvio e dito cate-

goricamente nas Escrituras é aquilo que demonstramos no início: que o batismo de João, na água, não era o Sacramento do Batismo, e João mesmo o reconheceu, dizendo que ele batizava nas águas mas o Messias traria o Batismo no Espírito Santo.

Além de tudo, batizando crianças, a Igreja obedece ao Senhor, que muito simplesmente diz: “Deixai vir a mim as criancinhas, e não as impeçais” (Mt 19,14).

Outro argumento protestante é o de que as crianças não podem crer, e que o Batismo deve ser um ato consciente de quem será batizado. Ocorre, todavia, que o Batismo regenera a *pessoa*. Será que se um filho de um protestante estiver doente, seus pais vão esperar que ele cresça para escolher se quer ou não tomar o remédio? Ou vão lhe dar o remédio adequado, pelo seu bem, por amor e como responsáveis que são por aquela criança? Todo bom pai daria logo o remédio, é claro. O mesmo se dá com relação ao Batismo.

“Vós me tirastes do ventre; Vós me preservastes, estando eu ainda aos seios de minha mãe. Sobre Vós fui lançado desde a madre; Soi o meu Deus desde o ventre de minha mãe.” (Sl 22,9-10)

A prática de batizar os filhos vem desde o início do cristianismo. Padres da Igreja primitiva, como Santo Irineu (século II), também atestam que desde os Apóstolos a Igreja batiza os pequeninos. Se as crianças ainda não têm fé e não podem escolher por si próprias, são batizadas na fé da Igreja, representada por seus pais e padrinhos.

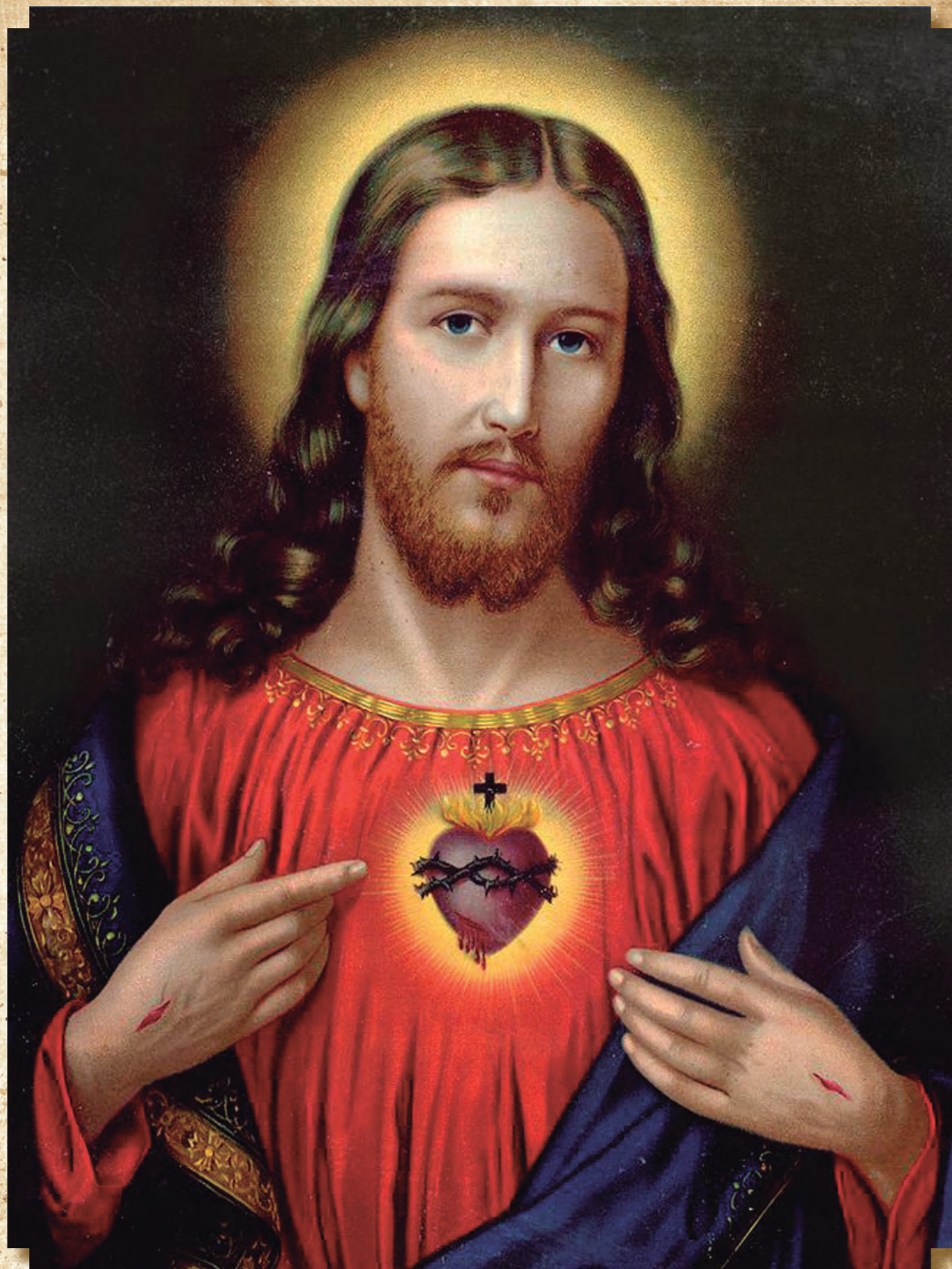
Como ensina o Apóstolo Paulo, o Batismo é, na Nova e Eterna Aliança, o que foi a circuncisão na Antiga Aliança: ritual de entrada

para o Povo de Deus (Cl 2,11-12). Os judeus eram circuncidados e admitidos como membros do povo de Israel aos oito dias de vida, e ninguém perguntava se eles o queriam ou não. Seus pais, por crerem e por amar seus filhos, davam-lhes o maior presente de todos: a fé! Exatamente o mesmo fazemos nós, cristãos, quanto ao Batismo.



#### Fontes e ref. bibliográfica:

- ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO. Diretório dos Sacramentos. São Paulo: Paulinas, 1982.
- COSTA, Henrique Soares, Pe. O Sacramento do Batismo, disponível em: <http://padrehenrique.com/index.php/sacramentos/batismo>. Acesso em: 17 abr. 2012.
- HORTAL, Jesus. Sacramentos da Igreja na sua Dimensão Canônico-Pastoral. São Paulo: Loyola, 2000, pp. 51-80.



*Sacred Heart of Jesus (English School) – divulgação*